



FELICIDADE E EXISTÊNCIA DE DEUS EM SANTO AGOSTINHO

Happiness and God's existence in Saint Augustine

Weber Hissao Soares Amaral *



*Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas, bolsista pelo CNPq e graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri.

Contato:
weberhsamaral@gmail.com.

RESUMO:

O assunto abordado, sempre foi investigado. Sócrates, Platão, Aristóteles, Cícero, epicuristas, estoicos e tantos outros anteriores e posteriores a Agostinho. No entanto, Agostinho tinha um diferencial: sua conversão e consequentemente a Bíblia, eram os fundamentos para o exercício da razão. Ele se reuniu com familiares e amigos, e juntos dialogaram sobre o problema da felicidade. Então, percebeu-se que a existência de Deus é fundamental para a vivência da felicidade, sendo impossível de vivê-la sem Ele. Portanto, o problema da felicidade e da existência de Deus estão diretamente ligados, no pensamento de Agostinho.

Palavras-chave: Felicidade; Existência; Mestre Interior; Interioridade.

ABSTRACT:

The subject addressed has always been investigated - Socrates, Plato, Aristotle, Cicero, Epicureans, Stoics and many others before and after Augustine. However, Augustine had a difference: his conversion and consequently the Bible, were the foundations for the exercise of reason. He met with family and friends, and together they discussed the problem of happiness. Then, it was realized that the existence of God is fundamental to the experience of happiness, being impossible to live it without Him. Therefore, the problem of happiness and the existence of God are directly linked, in Augustine's thought.

Keywords: Happiness; Existence; Inner Master; Interiority.

1 - INTRODUÇÃO

Ao pesquisarmos nas obras de Santo Agostinho (354-480 d.C.) percebemos que ele coloca como um elemento fundamental de suas doutrinas o conceito de beatitude: um estado de felicidade que é identificado pela satisfação dos desejos do que é justo¹. “Com efeito, vive feliz, como já o dissemos anteriormente e assaz provamos, aquele que vive como quer e nada deseja de mal” (AGOSTINHO, 1994, p. 409). O homem aflito, afundado na angústia de sua alma infeliz, busca a completude da alma, procurando viver a vida feliz. Porém, o homem a procura nas coisas terrenas, passageiras, como os prazeres corporais; ao invés de procurar no divino, imutável e eterno, em Deus. Agostinho, então, relata que a felicidade advém da posse de Deus e da fruição do mesmo na alma do homem; no entanto, esta felicidade é um reflexo da verdadeira felicidade que só terão aqueles que viverem a vida futura com Deus, no corpo incorruptível, pois, não se terá o obstáculo carnal para se atingir o conhecimento máximo de Deus que o homem como criatura pode ter. Portanto, o homem para viver bem na terra deve possuir a Deus, buscar o conhecimento deste e viver uma constante purificação do coração, como consequência da esperança de viver a verdadeira felicidade na vida futura. Busca-se, neste texto, demonstrar a prova da existência de Deus nas obras de Agostinho, já que para o homem possuir a Deus, este precisa existir; e mesmo Agostinho afirmando que a existência de Deus não é preciso provar, pois todos os homens sabem que Deus existe, ele o faz em seu diálogo com Evódio (conterrâneo, amigo e discípulo sincero com questões genuínas e preocupações sobre o que crê) – no livro *Livre Arbítrio* – para provar ao mesmo, afirmando que Deus é algo acima do qual nada se pode pensar². Deus é aquilo que é superior a razão. Deus é a Verdade que habita no interior do homem. Essa verdade presente no homem interior é chamada por Agostinho de Mestre interior, este se encontra em um espaço da alma capaz de habitar o divino. Portanto, para o homem conhecer a Deus precisa se voltar para si (pelo processo nomeado de interioridade) somado a doutrina da Iluminação divina.

Além disso, investigamos nas obras agostinianas aquilo que o homem almeja, inatamente; aquilo que pertence ao propósito de todo homem; aquilo que é o começo e o fim de uma vida boa; ou seja, a felicidade que torna possível a vida feliz. O que é a felicidade? Como alcançá-la? A vida feliz é possível ao homem? São perguntas que foram respondidas ao longo desta pesquisa. Agostinho, inicialmente, relata que a felicidade pertenceria a alma do sábio, independente do estado em que o corpo se encontra. Posteriormente, passou a afirmar que qualquer vida poderia ser chamada de feliz na vida futura, na infinitude, quando imortal. Frangiotti (1988) assinala que, de acordo com Agostinho, a vida feliz na terra só se tornaria possível aos homens através da esperança da vida infinita. Uma importante concepção sobre a felicidade de Agostinho rompeu com a ideia clássica da filosofia como fonte da felicidade. Para ele, a felicidade passa a ser a posse de Deus e a fruição deste na alma humana e a filosofia seria a busca da beatitude, ou seja, a busca de Deus. Diante disso, investigaremos também sobre o conhecimento da existência de Deus, a fim de viabilizar o desejo e a dinâmica de sua posse. Portanto, será demonstrado o que Agostinho escreveu para provar a existência de Deus, posteriormente à investigação sobre a felicidade.

2 – A FELICIDADE NO LIVRO “A VIDA FELIZ” DE SANTO AGOSTINHO

No dia 13 de novembro, na chácara de Verecundo, Agostinho se reúne com seus amigos e discípulos Alípio, Licêncio e Trigésio, Navígio, seu irmão, seus primos Lastidiano e Rústico, Adeodato, seu filho e sua mãe Mônica. Dessa temporada na propriedade de Cassiciaro originaram-se quatro obras: *Contra os Acadêmicos*, *A ordem*, *Solilóquios* e *A vida feliz*, obra na qual baseamos a análise sobre a felicidade. Nesta obra, o diálogo gira em torno da felicidade que é o desejo de todo homem; da alma humana que

¹ Para aprofundamento da questão ver: FITZGERALD, Allan D. (org.). *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. Edição brasileira sob coordenação de Heres Drian de O. Freitas. São Paulo: Paulus, 2018. Coleção Filosofia medieval. p. 441.

² A passagem é citada no capítulo 2.1. Deus o que é superior a razão (do presente artigo); e conseqüentemente a noção de que Deus é algo acima do qual nada se pode pensar também é explicada no mesmo capítulo.

contém, ou não, esta felicidade; da sabedoria como alvo que a alma deve possuir para alcançar a vida feliz e da Trindade a qual é a fonte única da vida feliz.

O interesse em Agostinho pela filosofia ocorreu sequencialmente à sua procura pela felicidade, na qual começou a crer que a filosofia lhe possibilitaria esta felicidade tão almejada. O despertar para essa busca se iniciou após a leitura de *Hortênsio* de Cícero, movendo-o ao amor a filosofia. Agostinho se viu caminhando ao encontro da verdadeira felicidade, da sabedoria e da verdade, já que a obra de Cícero expunha a filosofia como sabedoria e arte de viver, na qual traz a felicidade verdadeira (AGOSTINHO, 1998, p. 112).

Esse livro contém uma exortação ao estudo da filosofia. Chama-se Hortênsio. Ele mudou o alvo das minhas afeições e encaminhou para Vós, Senhor, as minhas preces, transformando as minhas aspirações e desejos (...) Porém, o amor da sabedoria, pelo qual aqueles estudos literários me apaixonavam, tem o nome grego de FILOSOFIA. (AGOSTINHO, 1980, p. 44).

Assim como em qualquer estudo na filosofia, a felicidade é considerada como um fim, para o descobrimento da verdade, para o conhecimento desta condição desejada por todo homem. Para Agostinho, este problema da felicidade é o que move o pensar filosófico, já que a busca pela felicidade é a busca pela verdade. Nesse sentido, a busca da felicidade como busca da verdade e sendo a filosofia igualmente a busca pelo que é verdadeiro, a felicidade pertence à filosofia, como também a filosofia pertence à felicidade. Segundo Peçanha, na sua introdução do volume dedicado a Agostinho da coleção *Os pensadores*, “a filosofia é, assim, entendida não como disciplina teórica que coloca problema à estrutura do universo físico ou à natureza dos deuses, mas como uma indagação sobre a condição humana à procura da beatitude” (AGOSTINHO *apud* PEÇANHA, 1980, p. XIII).

Portanto, a concepção de felicidade sempre foi um tema para cada época atual, além de estar a todo instante ligada à filosofia. Os filósofos antecessores de Agostinho lidaram com este tema com diferentes abordagens, elaborando concepções de felicidade diferentes. Podemos observar que dos pré-socráticos aos estoicos, no qual Platão e Aristóteles fazem parte, consideraram que a sabedoria, filosofia e virtude são elementos imprescindíveis e que não podiam se separar da concepção de felicidade, da forma para se obter a vida feliz. Essa linha de pensamento focaliza no homem como único capaz de atingir a felicidade pelas suas forças e honra.

No entanto, Agostinho rompe com a ideia clássica não somente da filosofia em si como fonte da felicidade, mas da felicidade habitar nas ações do homem virtuoso, filósofo e sábio. Agostinho remete a vida feliz ao campo do divino, do eterno, do infalível, alegando que a felicidade só existe enquanto instituída em algo que sempre existirá, já que o desejo humano também é infinito. Agostinho, então, dialoga sobre a vida feliz e dedica esta obra a seu amigo Teodoro, ao que tudo indica também um de seus mentores que conheceu em Milão.

2.1 – A alegoria do navegante

A alegoria do navegante é muito conhecida no pensamento antigo, não sendo originada em Agostinho. A vida é comparada ao mar e navegar é viver. Portanto, Agostinho a usa para facilitar o entendimento sobre o tipo de vida que os homens tinham, como viviam na busca da vida feliz.

Agostinho tenta sugerir sua história pessoal, utilizando a imagem neoplatônica da volta à pátria, e evocando uma viagem marítima, semelhante à de Enéias, na Eneida. Estamos atirados longe do porto, em meio a tempestades. E isso, por quê? Não se saberia dizer. Será Deus, a natureza, a necessidade (isto é, o destino), nossa vontade? Será a união de algumas dessas causas ou o concurso delas todas? Seja como for, estamos longe da meta e temos de voltar sobre nossos sulcos, para dirigir-nos então à Pátria. Até aí, Agostinho segue plenamente a tradição platônica. Acontece que alguns, desde a idade da razão, depois de terem remado algum tempo, aventuram-se mais longe. Chegam mesmo a se lembrar da pátria, e acontecimentos deploráveis, trágicos mesmo, dificuldades, ansiedades, negócios vãos, induzem, talvez, a ler livros de sábios e doutos. O acordar dá-se no porto. Outros, enfim, ainda que se tenham perdido, percebem sinais ou faróis. A história pessoal de Agostinho possui um pouco desses três tipos de navegação. (OLIVEIRA, 1993, p. 69).

Agostinho começa a obra mostrando que a terra firme é a felicidade e o porto para se chegar a ela é a filosofia: “Se fosse possível atingir o porto da filosofia, único ponto de acesso à região e terra firme da vida feliz” (AGOSTINHO, 1998, p. 117). Existem três tipos de navegantes que tentam chegar ao porto da filosofia. Os que são levados pela fama: “Por meio de obras realizadas na intenção de atingir o maior número possível de seus concidadãos, para estimulá-los a virem ao seu encalço” (AGOSTINHO, 1998, p. 118). Os que pela ilusão do orgulho e vanglória navegam bem longe do porto: “Ousam aventurar-se distante de sua pátria e, com frequência, esquecem-se dela. [...] Consideram-nos, porém, como fator de gozo e orgulho, pois de todo lado lhe sorri a falsa serenidade

de prazeres e honras” (AGOSTINHO, 1998, p. 118). E os que não passam pelos obstáculos do percurso: “Perdem a boa oportunidade do retorno. Erram longamente e, muitas vezes, correm até o risco de naufrágio” (AGOSTINHO, 1998, p. 119).

O orgulho e a vanglória são percalços para chegar à terra firme e enquanto o homem seguir agindo de tal forma, não abarcará no porto da filosofia – única forma de se chegar à terra firme:

Ele resplandece, está revestido de tão enganosa luz, que não somente aos que chegam e se encontram na iminência do ingresso se apresenta como terra amena, prometendo satisfazer suas aspirações à terra venturosa. De igual modo, cativa e alucina os que já se encontram no porto. Isso por sua bela altura de onde os que lá se encontram comprazem-se em considerar com desdém os demais. Entretanto, fazem sinais aos que se aproximam daquela terra para evitarem os escolhos ocultos na água. Ou, ainda, apregoam ser fácil a subida até o cimo onde se acham colocados. Indicam até com benevolência por onde devem bordejar sem perigo. Cheios da vanglória com que se pavoneiam, mostram aos outros um lugar de segurança no porto. Ora, que outro rochedo a razão indica como temível aos que se aproximam da filosofia do que esse, da busca orgulhosa da vanglória? Pois esse rochedo é oco interiormente e sem consistência. (AGOSTINHO, 1998, pp. 119 e 120).

Agostinho realça que a filosofia, porto para a terra firme, não se alcança com motivações egoístas e cheias de si. Um engano que traz ruína a muitos barcos, uma rocha que impede a felicidade – que só se chega pela filosofia. Gilson (2007, p. 18), um dos principais comentadores dos escritos agostinianos, assegura em sua análise que para ser feliz é necessário passar pelo porto da filosofia e que existem três classes de pessoas a caminho da felicidade: os que “têm a prudência de procurá-la desde a juventude e têm a felicidade de a atingirem logo”; os que “tentam encontrá-la com paixão em vias falsas e só voltam a si mesmos sob o golpe de provas por vezes trágicas” e os que “fixam os olhos no fim a atingir e, ao mesmo tempo que vagam ao longe, voltam os olhos para ele”. Todos esses estão ligados por uma ameaça, “um temível obstáculo que guarda a entrada do porto: o orgulho e a paixão da vanglória”. Portanto, a felicidade não é alcançada por mérito próprio, por ser “dom de Deus” e necessariamente tem que ser buscada com “modéstia e pedir para recebê-la. Aceitá-la é a verdadeira maneira de conquistá-la”.

Agostinho, mediante sua vida, demonstra que navegou por esse caminho do orgulho e vanglória e mostra os diferentes momentos em que navegou na busca perseverante pela vida feliz. Essas diferentes etapas de sua navegação observadas no seu encontro com a filosofia através da obra *Hortênsio* de Cícero, também no seu curso pelos

acadêmicos e maniqueus, chegando à leitura dos sermões do bispo Ambrósio e meditação nas Escrituras Sagradas:

Tendo chegado à idade de dezenove anos, após ter conhecido na escola de retórica o livro de Cícero, intitulado “Hortênsio”, senti-me inflamado de tal amor pela filosofia que pensei em me dedicar a ela sem reservas. Mas não me faltaram névoas a perturbarem minha navegação. Por muito tempo, asseguro-te, fixei os olhos sobre os astros que declinam no horizonte a induzirem-me ao erro. [...] Caí sob a influência de homens que sustentavam ser a luz física que percebemos com os olhos corporais digna do culto reservado à realidade suprema e divina. Tendo percorrido aquele mar por muito tempo, entreguei em seguida o timão de meu barco aos acadêmicos. Foi ele então sacudido por toda espécie de ventos, em meio a vagalhões. Finalmente, vim aportar nestas terras. Aqui aprendi a reconhecer a estrela polar (*septentrionem*), na qual pude confiar. Efetivamente, observei com frequência, nos sermões de nosso bispo e também em algumas conversas contigo, ó Teodoro, que da ideia de Deus deve ser excluída, absolutamente, qualquer imagem material. Diga-se o mesmo da ideia de alma, pois é ela, entre todas as realidades, a mais próxima de Deus. Renunciei a tudo e conduzi meu barco, abalado e avariado, ao suspirado porto da tranquilidade. (AGOSTINHO, 1998, pp. 120 a 122).

Agostinho, portanto, dedica essa obra a Mânlio Teodoro (amigo e, ao que tudo indica, seu mentor) com a intenção de mostrar o estado de espírito em que se encontrava, assim como os dos participantes do diálogo, já que Teodoro era muito importante e influente em sua vida. E é nesse ambiente que ocorrera o diálogo, na busca do que envolve a verdadeira felicidade e suas consequências para a alma humana.

2.2 – O caminho para a felicidade

O homem caminha na busca da felicidade, porém, vive inquieto já que não a procura em Deus e sim no que é passageiro, os prazeres carnis e bens materiais. O que é passageiro causa ao homem apenas uma falsa sensação de felicidade. Não distante, a vida de Agostinho é um exemplo exato de uma procura errônea e ineficaz da felicidade. Ele afirma ter levado uma vida de pecado ao entender que os prazeres corporais lhe trariam a felicidade que sua alma procurava, porém, só o distanciavam de Deus, a verdadeira origem da felicidade. “A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra se apegam a uma alegria que não é verdadeira. Contudo, a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria...” (AGOSTINHO, 1980, p. 187).

A verdadeira felicidade se dá apenas na posse de Deus. Agostinho mostra isso no livro *A Vida Feliz*, enquanto questiona sobre o conhecimento adquirido até aquele momento, com todos respondendo e com falas individuais de Trigésio e Licêncio, no qual a todo momento concordam com as questões que Agostinho colocara:

- Pois bem, prossegui, admitis ser infeliz o homem que não é feliz?
 - Sem a menor dúvida.
 - Logo, é infeliz quem não possui o que deseja? Todos aprovaram.
 - Então, o que o homem precisa conseguir para ser feliz? [...]
 - [...] Por conseguinte, estamos convencidos de que, se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em algum revés de sorte.
 - Já concordamos com isso, diz Trigésio.
 - Então, qual a vossa opinião? É Deus eterno e imutável?
 - Eis aí uma verdade tão certa que qualquer questão se torna supérflua, interveio Licêncio.
- Em piedosa harmonia, todos os outros disseram-se de acordo. Concluí então:
- Logo, quem possui a Deus é feliz! (AGOSTINHO, 1998, pp. 129-131).

O possuir a Deus é o começo deste caminho para a felicidade e o próximo passo é a definição de quem é o homem que O possui e como possuir. “Ninguém duvida agora de que quem se encontra na indigência seja feliz? E não precisamos indagar se o sábio sofre de necessidades corporais, pois essas coisas não se fazem sentir na alma - sede da vida feliz. A alma do sábio é perfeita: ora, ao que é perfeito nada falta” (AGOSTINHO, 1998, p. 145). Nesta citação, Agostinho descreve que apenas o sábio possui a Deus, ou seja, a felicidade reside apenas na alma do sábio.

O filósofo coloca como pré-requisito para se obter a felicidade o possuir a sabedoria já que esta é a medida da alma; porém, não qualquer sabedoria, ele fala da verdadeira sabedoria, definida como a Sabedoria de Deus. Esta Sabedoria é o Filho de Deus, que é Deus. Logo, possuir a sabedoria é possuir a Deus; sendo feliz aquele que possui a Deus – “Logo, todo aquele que vier à Suma Medida (o Pai) pela Verdade (o Filho) será feliz. E isso é possuir a Deus na alma, gozar de Deus” (AGOSTINHO, 1998, p. 156).

O diálogo é fechado com a exposição de que a verdadeira felicidade é a comunhão com a Trindade; dizendo que a plenitude da alma, a medida desta, a felicidade, não

alcançaremos nesta vida finita, já que para tal é necessário conhecer perfeitamente a Trindade: O Pai, o Filho e o Espírito Santo. Agostinho assim demonstra:

Não presumamos, assim, haver alcançado a nossa medida. Porque, também se certos da ajuda de Deus, ainda não atingimos a Sabedoria, nem, por conseguinte, a felicidade. Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente: por quem somos guiados até à Verdade (o Pai); de qual Verdade gozamos (o Filho); e por qual vínculo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo). (AGOSTINHO, 1998, p. 156).

Contudo, ao chegar a esta verdade, conseqüentemente retira a possibilidade de o homem possuir a verdadeira felicidade enquanto em vida na terra, colocando a felicidade em sua plenitude como intrínseca a todo aquele que viver a vida futura e infinita com Deus, quando o corpo for transformado em um corpo glorificado e incorruptível, submetido ao espírito. Por não haver a presença da debilidade corporal o homem alcançará o conhecimento perfeito (na capacidade máxima como criatura). “A vida feliz sobre a terra é possível somente na esperança”. (AGOSTINHO, 1998, p. 115). Agostinho afirma que na terra o homem pode ter apenas o reflexo da verdadeira felicidade - a felicidade da vida futura infinita com Deus; pois, esse reflexo é adquirido por aqueles que possuem a Deus e por possuírem-no têm a esperança na felicidade que esta vida que há de vir lhes proporcionará.

Agostinho fora de *A Vida Feliz* enfatiza que na vida mortal é impossível viver plenamente a felicidade podendo apenas viver um reflexo da verdadeira vida feliz que se encontra na vida imortal, futura com Cristo. Na *Trindade* diz:

Segue-se daí que a fé em Deus é imprescindível nesta vida mortal, tão cheia de erros e tribulações. É impossível encontrar bens, principalmente os que tornam os homens bons e felizes, se não vierem de Deus para o homem e não aproximarem o homem de seu Deus. Quando, porém, aquele que permanece bom e fiel em meio às misérias desta vida, chegar à vida bem-aventurada, então acontecerá o que agora não é possível de forma alguma, ou seja, o homem viver como quer. Pois naquela felicidade, nada quererá de mal ou nada desejará que lhe falte e não faltará nada do que desejar. Tudo o que amar estará lá presente e não desejará nada que esteja ausente. Tudo o que ali existir será bom e o Deus supremo será o supremo Bem, e ali estará para gozo de todos os que o amam. E eis o que será o maior grau de felicidade: estará certo de que será assim por toda a eternidade. (AGOSTINHO, 1994, pp. 406, 407).

Agostinho ao demonstrar a vida feliz, faz dela a consequência de uma vida fundada no Ser infalível e eterno ao qual chama de Deus; portanto, para se obter a vida

feliz pressupõe-se a existência de Deus. Contudo, Deus existe? Como Agostinho tenta provar a existência de Deus? Há como provar? Esse será o problema abordado no capítulo a seguir.

3 – A EXISTÊNCIA DE DEUS EM SANTO AGOSTINHO

Desde a origem da filosofia, em Mileto no século VI a.C., o problema da existência de um Deus ou algo superior a tudo, um ser primário e causa de todas as coisas, é discutido e argumentado amiúde por filósofos, teólogos, cientistas e outros pensadores, estando em voga ainda hoje. Tales, por exemplo, para muitos, o fundador da filosofia, afirmou que a origem de tudo surgia a partir da água, do úmido, que poderia se tornar líquida, se transformar em vapor e sucessivamente em terra, dando origem a um ciclo, gerando novas vidas e evolução a partir da existência. No entanto, o que realmente deu origem as coisas? É a partir dessa questão que chegarei ao problema a ser analisado: Existiria um ser superior, o qual fez tudo existir? Esse ser pode ser chamado de Deus? Ou seja, Deus existe?

3.1 – Deus, o que é superior a razão

Primeiramente, temos que definir o que se entende por existência e, posteriormente, o que se entende por Deus. Existir é diferente de ser, pois antes de ser existimos; eu preciso existir para ser algo. Agostinho demonstra a existência a partir do atualmente conhecido como “cogito agostiniano”: “Pois, se me engano, existo” (AGOSTINHO, 2001, Parte II. XI, XXVI). Pode-se notar que mesmo que a existência seja percebida a partir de uma qualidade do “ser”, só é possível descobrir “o que eu sou”, porque “sou” – não tem como a percepção do significado (ser que pensa) vir anterior a percepção da existência (um ser). Conclui-se que existir é “estar”; o que está agora, neste instante; o que existiu, esteve naquele instante. Deus a partir das teorias de sua existência, possui características que participam de sua essência. Os cristãos e judeus em seus textos sagrados, respectivamente a Bíblia e a Torá, relatam que o próprio Deus o denomina de “Eu sou o que sou” (Êxodo 3:14); ou seja, definindo-se ele é o próprio ser (a própria existência): tudo está nele, tudo existe nele.

A importância da análise da existência de Deus, primeiramente, está na descoberta do que é real. Antes de tudo, a busca da realidade sempre foi, é e sempre será a principal

razão para se fazer filosofia. Outra importância está na aplicação do que sua existência influenciaria na vida geral. Saber se devo minha existência e tudo o que me cerca a ele e se tudo o que há é porque ele é. Aqui diferencio o existir do ser. Agostinho (1980, p. 4) nas *Confissões*, por acreditar na existência de Deus, confessa: “Mas ai dos que se calam acerca de Vós, porque, embora falem muito, serão mudos!”. Se Deus existe, todas as coisas são porque Deus em sua essência é, ou por privação do que Deus essencialmente é. Logo, Deus existindo, eu falando sobre algo sem falar dele, de nada falo, pois esse algo só é, porque Deus é. Então, a importância da existência de Deus também é a de existir um ser máximo a qual tudo é resultado e a qual todos caminham para ele que também é o fim.

Somando a essa aplicação da influência da existência de Deus está a influência da inexistência de Deus. O que resultaria a inexistência de Deus e sua aplicação para o ser? O homem viveria à custa do relativismo, comum nos dias atuais. Relativismo este, devido a inexistência de um absoluto, no qual, aos que acreditam, se dá pela existência de um Deus.

Agostinho escreve sobre a existência de Deus em sua discussão com Evódio em *O Livre-arbítrio*. Nesta obra, ele tenta provar a existência de Deus a partir da existência de um ser superior a razão, como está escrito:

Ora, (Evódio), tu admitiste que se te eu demonstrasse a existência de uma realidade superior à nossa mente, reconhecerias ser Deus essa realidade. Mas só no caso de nada existir acima dessa realidade. E ao aceitar essa concessão, disse eu, que me bastaria, com efeito, fazer tal demonstração. Pois se houvesse alguma realidade mais excelente, essa precisamente seria Deus. E se não houvesse nada mais excelente do que ela, então, imediatamente, essa mesma verdade seria Deus. Em ambos os casos, todavia, não poderias negar que Deus existe. E precisamente era esta a questão que nós nos tínhamos proposto debater e discutir. (AGOSTINHO, 1995. pp. 15, 39).

Organizarei sua teoria em frases sucintas, com base em Gilson (1995, p. 147), para o entendimento ficar mais claro:

- 1) Em certo aspecto, todos os conhecimentos derivam dos sentidos³.
- 2) Não há nada no mundo sensível que seja necessário, imutável e também eterno⁴.

³ “Em certo sentido, todos os nossos conhecimentos derivam das nossas sensações”.

⁴ “Ora, nenhum objeto sensível é nem necessário, nem imutável, nem eterno”.

- 3) Assim como os objetos sensíveis não o são, a alma humana tampouco é menos contingente e imutável⁵.
- 4) No entanto, a alma encontra em si certas regras verdadeiras que são necessárias, imutáveis e eternas⁶, pelas quais julgam as demais.
- 5) A maneira de se explicar a verdade na alma com as suas características irrecusáveis de necessidade, imutabilidade e eternidade é admitir a sua transcendência sobre a razão⁷.
- 6) Ou seja, na razão existe uma verdade e esta está acima daquela⁸.
- 7) A razão está presente no homem, em sua alma; portanto, se há algo superior a razão, este mesmo algo é superior ao homem⁹.
- 8) Esse algo superior é uma realidade essencialmente inteligível já que é a verdade, e Agostinho o chama de Deus¹⁰.

Agostinho ainda afirma que mesmo que esta verdade não seja Deus e houvesse algo mais elevado acima dela, este algo poderia ser somente o próprio Deus já que ao estabelecer algo superior à nossa razão é manifesta a existência de Deus. Assim, Agostinho responde a Evódio no *Livre-arbítrio*:

Está entendido. Pois basta-me-á, então, mostrar a existência de tal realidade que, ou bem aceitarás como Deus; ou bem, caso haja outro ser acima dela, concordarás que esse mesmo ser é verdadeiramente Deus. Assim, haja ou não algum ser superior a essa realidade, será evidente que Deus existe, desde que, com a ajuda desse mesmo Deus, eu tiver conseguido demonstrar, como o prometi, a existência de uma realidade superior à razão. (AGOSTINHO, 1995, pp. 6, 14).

Deus, então, é comprovado como a realidade superior a razão – a Verdade. No entanto, onde o homem encontra Deus? Onde encontra essa Verdade? Para atingir a vida feliz é necessário conhecer e ter comunhão com Deus – fruir de Deus – e primeiramente Agostinho precisava demonstrar que Deus existe (como fez a Evódio), agora precisa direcionar o homem a chegar a Deus. Para essa tarefa apresento a doutrina do Mestre

⁵ “Mas eu não sou menos contingente e mutável do que as coisas que o são (...)”.

⁶ “Necessárias, imutáveis, eternas – resumem-se esses três atributos dizendo-se que são verdadeiras”.

⁷ “A necessidade do verdadeiro para razão não é mais que o sinal da sua transcendência sobre ela”.

⁸ “A verdade, na razão, está acima da razão”.

⁹ “Há no homem, portanto, algo que excede o homem”.

¹⁰ “Já que é a verdade, esse algo é uma realidade puramente inteligível, necessária, imutável, eterna. É precisamente o que chamamos de Deus”.

interior de Agostinho: Deus habita no interior do homem e é alcançado por meio da interiorização com a iluminação divina.

3.2 – O mestre interior

Agostinho vem desenvolvendo, desde o *Solilóquios*, a concepção de uma doutrina que coloca a verdade no interior do homem. Nesta obra, Agostinho conversa com a Razão, a qual poderia ser interpretada como o Mestre interior. (CARY, 1994. p. 401). Posteriormente, no *De Magistro*, Agostinho explanará sua doutrina sobre a função da linguagem, no qual explicitará sua interpretação sobre o conceito paulino de que Cristo habita o interior do homem, em Efésios 3 versos 16 e 17.

Para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor¹¹.

No diálogo em que Agostinho fala sobre o papel da linguagem, ele conclui que não se aprende as coisas por meio das palavras, mas elas possuem papel fundamental no direcionamento para a busca da verdade que está no interior do homem e o ensina. É a verdade, Cristo, a Razão, o Mestre interior que capacita o homem a chegar e desfrutar da verdade.

Em que Agostinho se baseou para chegar ao conhecimento de que a verdade habita no interior do homem? Há alguns pilares que sustentam essa doutrina agostiniana. Primeiramente, Agostinho se apoia nas Escrituras, mais especificamente em Paulo, que diz que “O homem exterior vai caminhando para sua própria ruína, o homem interior se renova de dia em dia” (2 Coríntios 4:16), assim como em outros versos de Paulo como em Romanos 8:10, Efésios 3:17 e 2Timóteo 3:2. Contudo, tendo em vista uma base filosófica, Agostinho se baseará em Plotino na questão de interiorizar. Porém, Phillip Cary (1994, p. 71) demonstra que para Plotino a interiorização é baseada na dedução de que para a alma se unir à Mente divina, conseqüentemente unir-se ao Uno, é: se, e somente se, esta alma se voltar para si mesma; ou seja, existe uma parte nobre da alma e é nela que

¹¹ Edição Revista e Atualizada, trad. João Ferreira de Almeida.

acontece o ato; esta se afasta do mundo sensível que é o conteúdo da parte pobre da alma e se direciona para a Mente divina, mantendo uma relação íntima ontológica, já que esta parte nobre da alma é algo divino também. Consequentemente, ao voltar-se para o interior, a alma se encontra e com o conhecimento de si mesma conhece o mundo inteligível do qual faz parte.

Segundo Cary, Cícero foi importante, filosoficamente, para a noção agostiniana de interiorização. Segundo ele, “ao chamar a alma para longe das coisas corporais e para perto das inteligíveis, Cícero provê o básico ponto de partida para o projeto de Agostinho do movimento para dentro” (CARY, 1994. p. 490). De fato, o filósofo romano possui uma importante influência nos escritos de Agostinho, antes mesmo do seu contato com os neoplatônicos, como descrito no primeiro capítulo, quando Agostinho leu *Hortêncius* e o despertou à filosofia e à busca da felicidade por meio da filosofia. Sêneca, enfim, já falara do interior do homem como o palco de uma luta entre o bem e o mal.

Apesar de todas influências que Agostinho sofreu é necessário destacar que não é simplesmente adotar a ideia da interiorização para se chegar à verdade; mas, também, a forma que ele chegou a essa conclusão ao fazer a junção de fontes filosóficas e fontes bíblicas com o intuito de elaborar sua ideia de interioridade ao mostrar o movimento para dentro e o conceito de que há um ambiente no interior do homem onde mora a verdade.

Apesar das influências, Agostinho aborda essa questão de forma diferente e única ao dispor de fundamentos da filosofia e da teologia, reorganizando e formulando uma ideia de interioridade bem mais englobante do que o espaço de Sêneca que é motivado pelas sensações. Diferente também de Plotino que trata somente do voltar-se para dentro, o bispo de Hipona pensa e formula a interioridade não somente como um espaço interior, mas sendo este espaço onde se encontra o divino. Agostinho não está dizendo que este espaço é divino, mas sim que é neste que mora Cristo, a Verdade. Sobre isso, ele escreve:

Quando se trata, pois, das coisas que percebemos pela mente, isto é através do intelecto e da razão, estamos falando ainda em coisas que vemos como presentes naquela luz interior de verdade, pela qual é iluminado e de que frui o homem interior.[...] Por conseguinte, nem sequer a este, que vê coisas verdadeiras, ensino algo dizendo-lhe a verdade, porque aprende não pelas minhas palavras, mas pelas próprias coisas, que a ele interiormente revela Deus (AGOSTINHO, 1973, cap. XII).

Nesta citação, percebe-se a ligação entre a doutrina do Mestre interior e a doutrina da Iluminação, mostrando que Deus ensina ao homem, falando em seu interior. Ao compreender a interioridade de forma mais avançada, Agostinho entende a presença de Deus neste espaço interior da alma. Passou para um nível superior, ou seja, saindo do nível de entendimento de como encontrar a verdade, estando agora no nível de analisar o que é a verdade. Agora é conhecido que a verdade é Deus e está dentro do homem. Esta concepção de que Deus está no interior e que tudo o que o homem aprende advém dele está ligada à mesma noção presente nas *Confissões* e nos *Solilóquios* de Deus como o “médico interior” (AGOSTINHO, 1980, pp. 3,4) e (AGOSTINHO, 1998, pp. 14, 24-25). Nesse caminho, se conclui, no pensamento de Agostinho, a ligação das questões gnosiológicas às questões morais. Isso porque a explicação do médico interior trata de um método progressivo de cura da alma; a ideia do “olhar da alma” que pode ser vista na *República* de Platão. Conseqüentemente, se o homem quiser conhecer a verdade, percorrendo o caminho da interioridade, é necessário o afastamento daquilo que é passageiro e corporal e a aproximação de sua parte interior, fortalecendo a sua alma, curada pelo médico interior, numa purificação de âmbito moral, para alcançar a bem-aventurança do encantamento divino ou a sabedoria. O problema possui dois aspectos, mas uma única via. Não obstante, Phillip Cary (1994, p. 573) nos mostra que para chegar ao fim, ambos aspectos terão de ser trilhados: “...nós não fruímos a beatitude, *beata vita*, até termos realmente encontrado a Verdade, o que é o mesmo que achar Deus”.

Esse pensamento nos leva a outro tema singular quando falamos de interiorização em Agostinho: o voltar-se para o interior é o primeiro passo para o voltar-se para Deus. Gilson defende essa tese ao mostrar que a interioridade não é autossustentável e é necessário o voltar para Deus, para poder se encontrar com Deus. Somente nesse ponto, a trilha terá sido andada por completo. Vale lembrar que essa concepção de Agostinho sobre a verdade residir no interior do homem, está ligada à sua resposta ou contestação à reminiscência platônica, e a utilização da memória neste processo.

Como se sabe, a reminiscência platônica traz a ideia de que nada conhecemos de novo e os conhecimentos não passam de recordações. Agostinho foi fortemente marcado por essa ideia. Uma pergunta surge no meio dessa ideia, um problema precisa ser solucionado, já que Agostinho não compactuará com a reencarnação, transmigração da

alma: como o homem pode conhecer verdades imutáveis, eternas e necessárias, sendo ele mero mortal, contingente e totalmente mutável?

Agostinho, então, responderá essa questão com a doutrina da iluminação, expondo que a iluminação divina coloca na alma humana a capacidade intelectual de enxergar a “luz incorpórea” de Deus. (AGOSTINHO, 1994, pp. 15, 24, 25). Consequentemente, Agostinho se desfaz da ideia de a preexistência da alma ser a razão pela qual conhecemos as coisas, mas sim a forma como fomos criados com um intelecto que nos dá a habilidade para esse conhecimento do imutável, eterno e necessário. Nessa perspectiva, ele confronta com a iluminação a reminiscência platônica, doutrina aquela que por causa de como o homem foi criado, com intelecto, capacitando-o a conhecer a verdade, extingue a concepção de que para conhecer a verdade teríamos que ter habitado em outros corpos passados.

Portanto, essa contraposição à reminiscência de Platão, torna-se o momento ideal para a ligação plena entre o Mestre interior e a iluminação. A alma, em sua natureza, pode conhecer tanto o sensível quanto as verdades imutáveis, e isso só é possível a partir do próprio pensamento.

Todas as coisas significadas por aquelas palavras já eram de nosso conhecimento, pois eu já tinha na minha mente o que significa três jovens, o que é forno, o que é fogo, o que é rei, o que quer dizer ser preservado do fogo e, finalmente, todas as outras coisas significadas por aquelas palavras. Se assim é, para que o conhecimento aconteça[...]. Não consultamos a voz de quem fala, a qual soa por fora, mas a verdade que dentro de nós preside à própria mente, incitados talvez pelas palavras a consultá-la. Quem é consultado ensina verdadeiramente, e este é Cristo, que habita, como foi dito, no homem interior, isto é: a virtude incomutável de Deus e a sempiterna Sabedoria, que toda alma racional consulta, mas que se revela a cada um quanto é permitido pela sua própria boa ou má vontade. (AGOSTINHO, 1973, cap. XII).

Agostinho destaca, na citação acima, que o aluno precisa ter o conhecimento das palavras que o professor usará para tentar passar algum conhecimento a este aluno, como explicado pela própria citação anterior de Agostinho. Só o pensamento é capaz de atingir o Mestre interior, propositalmente ou não. A alma abrange tanto as experiências do mundo sensível, quanto o conhecimento fora do mundo experimentável. Sem o pensamento, que é um processo da alma humana, não se chega ao conhecimento. Agostinho cria duas doutrinas que não podem existir separadamente, a iluminação pelo divino e o Mestre interior, a verdade, que é Cristo. A iluminação não só possibilita o

conhecimento pelo modo que o homem foi criado como também nos leva a entender que o que faz o homem conhecer a verdade é a própria verdade que está dentro dele.

Agostinho deixa claro que o homem pode chegar ao Mestre interior, já que ele foi criado de uma forma em que é possibilitado esse conhecimento da verdade, e que é o intelecto, o próprio ato de pensar, que o leva a conhecer, mas parece faltar algo: Como o homem utilizará o pensamento, o intelecto, para chegar ao Mestre interior? Foi dado o instrumento, mas não a forma de se chegar aquilo que o homem almeja, a verdade, que proporcionará a vida feliz. Agostinho, então, mostra que, primeiramente, é necessário a análise sobre o próprio pensamento, a fim de encontrar como o pensamento opera, quais as faculdades utilizadas para que ocorra essa operação. E já que todo o conhecimento advém da verdade, que é o Mestre interior, este dirá ao homem não só que a verdade habita no interior, mas também como chegar a essa verdade. A alma, conseqüentemente, precisa voltar-se para si, excluindo o desejo de conhecer o que lhe é exterior, para se conhecer; e para isso é necessário um instrumento vital, pertencente à própria alma, ao próprio intelecto, chamado de memória. Essa é a faculdade que o homem comporta, que o permite chegar ao conhecimento, faculdade que substituirá a ideia trazida pela reminiscência platônica e transmigração da alma, já que deve existir algo que torna o homem capaz de liberar o acesso ao Mestre interior alojado na alma humana. A luz utiliza-se, então, da memória para reconhecer a verdade no interior. Essa memória pode se dar de duas maneiras: a primeira é a memória conforme as experiências vivenciadas; a segunda é a memória existente na luz interior do Mestre. Uma é existencial, a outra é sobre o inteligível.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de toda alma humana é viver a felicidade e nessa tentativa de alcançar a felicidade e poder vivê-la, se satisfazem exteriormente com coisas temporais e mutáveis, ao invés de, procurarem saciar-se interiormente com o que é eterno e que não muda. Agostinho foi um exemplo vivo de tentativas frustrantes de satisfação interior, indo ao encontro de sensações momentâneas nos falsos conhecimentos. Após sua conversão, ele escreve tudo baseado no conceito de Beatitude, que é a felicidade profunda, conseqüência da fruição de Deus no homem, por entender que a vida feliz é conseqüência da Verdade, pelo fato dela ser eterna e imutável. Agostinho, então, filosofa sobre a vida feliz

mostrando que esta só é possível na posse de Deus; por Deus guiar o homem à Verdade que é Cristo (Mestre interior) e por essa verdade ser o vínculo com a Suma Medida, o Espírito Santo. Logo, a posse de Deus, que é o primeiro requisito para a felicidade, tem que levar à uma purificação do coração para que a Verdade frua melhor na vida do homem e este consiga viver o reflexo da vida feliz. É isso mesmo, apenas o reflexo, já que Agostinho entende que a única vida que poderia ser chamada de vida feliz é a vida futura e infinita com Deus.

Todas as doutrinas agostinianas estão interligadas. Se a felicidade é possível somente com posse de Deus, Deus deve necessariamente existir. Para Agostinho, a existência de Deus não precisa ser provada, ela é inata a todo homem, exatamente pelo fato de Deus ser a Verdade, aquilo que é superior a razão, e que é compartilhada a todo homem. As coisas que o homem conhece são conhecidas porque existe a Verdade, porque existe Deus. Agostinho abre mais um espaço nas suas doutrinas para a teoria do Mestre interior e conseqüentemente elabora a doutrina da iluminação divina. Influenciado não somente pelas Escrituras, mas também pelos neoplatônicos, por Cícero e por Plotino, ele coloca a verdade no interior do homem, rompendo com a ideia de que o aprendizado é externo e apoiando de forma mais abrangente e contundente a ideia de que tudo o que pertence ao exterior não é a verdade em si, nem é ensinado, mas sim apenas um direcionamento para o homem chegar a verdade que já habita na alma; mas, necessita ainda chegar a ela por meio da memória daquilo que já se conhece, ligando ao direcionamento para aquilo que irá conhecer, que habita no interior da alma humana. A resposta para a sua possibilidade está na forma como o homem foi criado com intelecto, capacidade de pensamento, tendo a iluminação divina para guiar este intelecto. O homem foi criado com a capacidade de pensar e chegar à verdade por meio deste processo o qual Agostinho chama de interioridade.

Portanto, Agostinho, mostra ao homem que a Verdade é superior a existência porque ela é a própria existência. Tudo o que existe só existe porque é verdade e essa verdade é superior a razão, superior ao homem, superior ao intelecto, superior a tudo, pois sua existência não depende dos mesmos, mas a razão, o homem, o intelecto, o tudo, dependem da verdade para existirem. Agostinho descreve Deus como a Verdade que é superior a razão. Conseqüentemente, a felicidade, que é a questão principal tratada aqui,

só é possível com a fruição da Verdade no homem e é por isso que quanto mais o homem conhece a Verdade, mais esta fruirá nele e mais ele será feliz.

Uma abordagem tão ampla, duradoura e importante para a história do pensamento como fez Agostinho, talvez não seja mais possível; porém, suas concepções não são inquestionáveis ou irrefutáveis; mas, sim, servem exatamente para ser um ponto de partida para o homem que quiser adentrar nas investigações do conhecimento ou para aquele que quiser analisar os conceitos, as ideias, os fundamentos tratados. A investigação é o início para a verdade e esta é o alvo desejado daquele que investiga e filosofa.

REFERÊNCIAS:

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 4ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001. Parte II. XI, XXVI.

_____. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. **A Vida Feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **Confissões**. 2ª ed. Trad J. Oliveira Santos e A. Ambrósio De Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **O Livre Arbítrio**. 2ª ed. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995 - (Patrística).

_____. **Solilóquios**. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **De Magistro**. Editora Abril, Coleção Os pensadores, 1973.

CARY, P. **Signs and inwardness: Augustine's theological epistemology**. Yale University, 1994.

FITZGERALD, Allan D. (Org.). **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia**. Edição brasileira sob coordenação de Heres Drian de O. Freitas. São Paulo: Paulus, 2018. Coleção Filosofia medieval.

FRANGIOTTI, R. **Introdução**. In: AGOSTINHO. **A Vida Feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.

GILSON, Étienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995 - (Paidéia).

_____. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho**. Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2007.

MECONI, David V.; STUMP, Eleonore (Org.). **Agostinho**. 2ª ed. Trad. Companion (Cambridge University Press). São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2016.

OLIVEIRA, N. de A. **Introdução**. In: AGOSTINHO, Santo. **A Vida Feliz: Diálogo Filosófico**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1993.